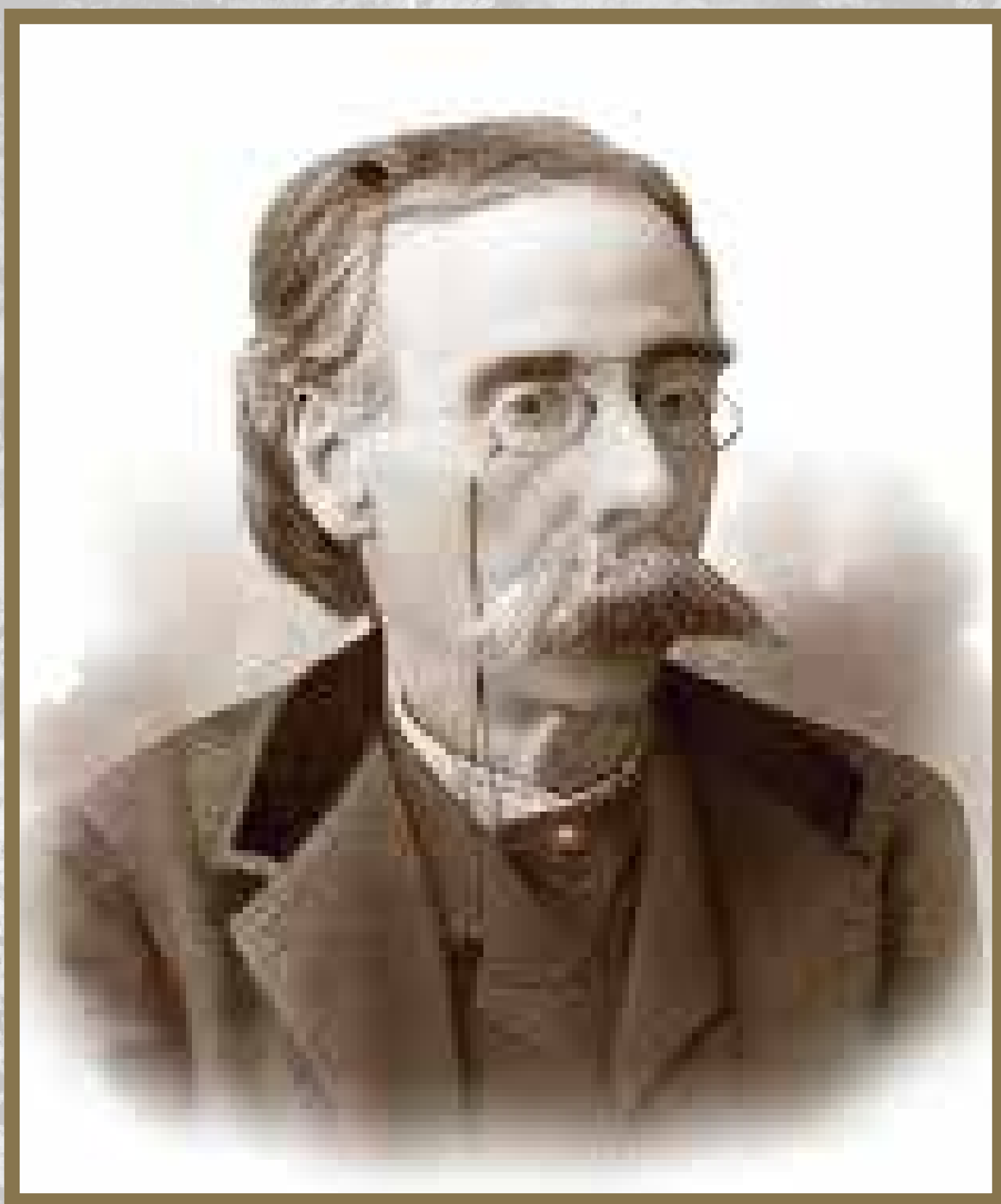


Exposição

ROTEIRO CAMILIANO EM PAÇOS

(**a partir do Roteiro Camiliano em Fafe de Carlos Afonso)



Para entender a relação de Camilo Castelo Branco e Paços, é imprescindível erguer a vontade, mover a ânsia da busca e arribar às terras de Fafe, no Minho.

Depois, ciente do que se procura e envolto numa curiosidade camiliana, o caminheiro deve rumar à Quinta do Ermo, em Paços, subir a escadaria e entrar na famosa casa do Ermo, que continua magnífica. A partir daqui, basta seguir o murmúrio das paredes, o verde das laranjeiras e sonhar.

Mais tarde, é imperioso comprovar se as benditas laranjas do Ermo, que, por lá, continuam a tonalizar a paisagem, ainda mantêm aquele sabor menos doce, que, pelos vistos, azedou as entranhas do escritor.

Depois, caros amigos, é abrir a alma, escutar as palavras, ditas em primeira pessoa, que continuam cuidadosamente guardadas nas Memórias do Cárcere, discorrer pela encosta e andar.

CAMILO  PASSOS

Camilo e José Cardoso Vieira de Castro

Foi nas andanças pela cidade do Porto, que, em 1857, conheceu José Cardoso Vieira de Castro, um fafense de São Vicente de Paços, segundo informa Camilo na introdução à Correspondência Epistolar (1874):

«Foi na Estrela do Norte que eu falei com Vieira de Castro, em 1857, quando ele recolhia riscado da Universidade». Tornaram-se amigos e, em crescendo, esta amizade uniu-os para sempre, conseguindo, sempre, destruir aquela fuligem que, às vezes, advém das convivências humanas.”



Camilo visitou o seu amigo José Cardoso Vieira de Castro em junho de 1860, sendo recebido, por este, na Casa do Ermo, em S. Vicente de Paços, freguesia de Fafe, para se refugiar, durante um mês, da perseguição da justiça, por causa do seu amor adúltero com Ana Plácido.

Paços terra de encantos... de verdes campos, de gente acolhedora... por onde Camilo Castelo Branco passou....



Camilo e Paços (Fafe)

Camilo Castelo Branco, vindo das Caldas das Taipas, da casa do seu amigo Francisco Martins, onde Camilo se refugiara, chegou à Quinta do Ermo, em S. Vicente de Passos, numa manhã amena de Junho, pelas 12 horas, no ano da graça de 1860:

«Fui de Santo António das Taipas para as cercanias de Fafe, quinta do Ermo, onde me esperava, com os braços abertos e o coração no sorriso, José Cardoso Vieira de Castro. Falseei a verdade. Vieira de Castro esperava-me a dormir, naquela madrugada dele, que era meio-dia no meu relógio.»*

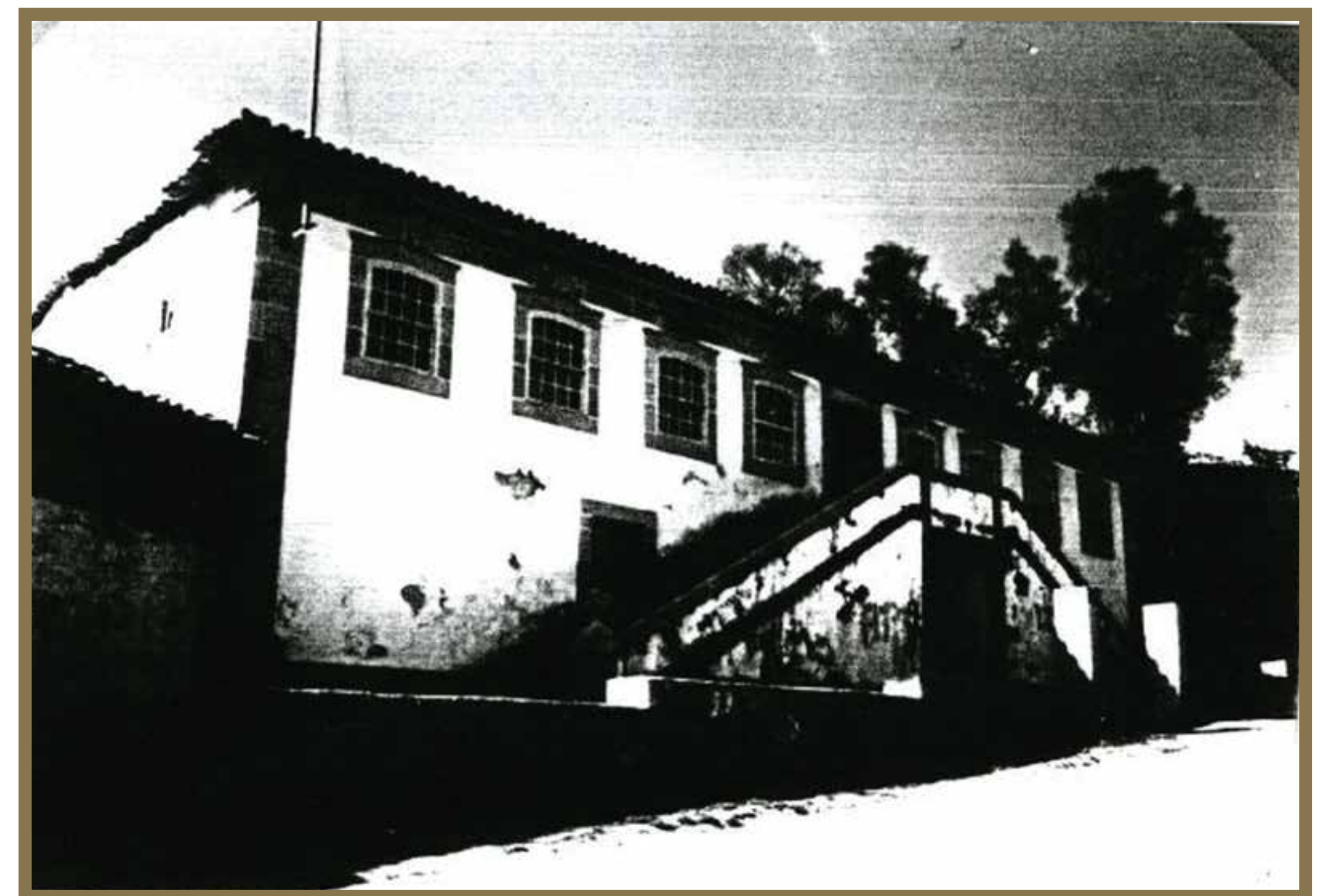
Camilo, na visita à Quinta do Ermo, e devido à sua marca de pessoa afável e sentimental, colou-se, com relativa facilidade, aos ambientes, às pessoas e aos verdes graníticos da paisagem. Portanto, esta visita ao Ermo veio alicerçar, ainda mais, as suas múltiplas convivências.

«A quinta do Ermo está situada no ponto mais despoético e triste do mapa-múndi. A casa é magnífica; mas os caminhos que a ela vos conduzem são algares, barrocais, trilho de cabras, vielas tortuosas, e aspérrimos desfiladeiros. Os pinhais e arvoredos, que orlam parte da quinta, são enfezados e desgraciosos.»

“Nesta casa nasceram o desembargador Luís Lopes Vieira de Castro, e o Ministro dos Estrangeiros e da Marinha, António Manuel Lopes Vieira de Castro.

“Ora vão lá inferir do local onde o homem nasce os destinos para que nasce!

“Daquela natureza tão agra do Ermo, daquelas duas crianças, que por “aqui” se criaram entre matagais, quem daria agouro de saídas tão excelentes?!



Camilo e a Ponte do Barroco

Todos os lugares que nos recebem, afetuosamente, tornam-se íntimos da nossa existência, mas há sempre um que nos toca mais fundo e, sem qualquer receio, se aloja no centro do nosso coração. A Ponte do Barroco é um desses lugares.

Camilo costumava descer da colina, onde assentava a Casa do Ermo, e escorregar até uma ribeira, como lhe gostava de chamar, e deixar-se levar pelas águas apressadas do Vizela, embebido pelos tons coloridos da envolvência e do arfar dos salgueiros. A aguarela que deriva da Ponte do Barroco e das suas redondezas, deixa-nos embriagados de tanta beleza e de tão sublime pormenor descritivo.

«Ao fundo de uma colina, sobre a qual assenta a casa de Vieira de Castro, serpenteia uma ribeira de claras águas, que vão ajuntar-se ao Ave. (...). Connosco ia o Neptuno, o cão da Terra Nova, que eu dera ao meu amigo, como quem lhe dava um dos raros seres da criação por quem mais sentidos afectos tenho experimentado. (...)

Há naquele ribeiro uma catadupa em que a torrente referve, estrondeia, e quebra com grande fragor numa bacia eriçada de rochas. As árvores marginais enredam-se em pavilhão escuro sobre a bacia eriçada de rochas.»*

Ainda antes de partirmos para outras paragens, é doce de dizer que as purezas que sob a sua postura românica corriam, jorrou um dos mais sentidos poemas de Camilo.

«Ruge a tormenta espumosa,
Mas no mar serena entrou;
Tal a vida tormentosa;
Chega à campá, e serenou.

Triste imagem desta vida,
Que me Deus fadou a mim!
Diz-me, ó onda enfurecida,
Qual teu princípio e teu fim?»*

Na verdade, as vezes que se passeava por estas paragens, na companhia de José Cardoso, era habitual pousar as suas ânsias nos escanos graníticos, que ladeavam as margens, para descansar, enquanto o seu amigo «(...) dialogava em estilo de Fafe com a moleira da vizinha azenha.» *

Momentos do Ermo

O espírito inquieto de Camilo, guiado pela curiosidade, permitiu que o famoso escritor romântico se espraiasse pelos recantos do Ermo...

Dentro da casa, nas entranhas do edifício, sentava-se no escabelo da sala de espera, onde «(...) estão pintadas as insígnias episcopais, que o presbítero António Manuel Lopes Vieira de Castro revestira em Viseu, antes de ser ministro.», e em que, às vezes,

«As chuvas em Junho não eram copiosas; e (...) ao deitar-me, abria eu o guarda- chuva, e dormia assim. Se não fosse a constrição do ânimo, que regaladas noites seriam aquelas!». *

Outras vezes, camilo expandia pelos campos envolventes, as amarguras da sua existência atribulada, ao contactar com estas realidades, tonalizadas de acalmias, assumiam uma postura mais confortante.

Por isso, não admira que Camilo olhasse para os espaços, que o rodeavam, os guardasse na sua alma indisposta e, mais tarde, como quem embala os cristais mais finos, os pousasse, suavemente no seu livro, para que o seu brilho não se agastasse.

«As cerejeiras arqueavam-se sobre as janelas do nosso quarto com os seus frutos de sedutor carmim;»

Também «(...) as laranjeiras eram lindas à vista; mas o travor do fruto degenerado era tal, que um guisado de coácia e fel seria doce de ovos em comparação com as laranjas do Ermo. O que as densas árvores nos davam era a sua folhagem lustrosa e verde, e a luz coada por elas, e os raios de sol de Julho esfriados na sua frescura.».*

Este eterno caminhante gostava de se roçar na vegetação e tomar o pulso aos suspiros que brotavam das profundezas da terra e aí marcar a sua sina:

«Nos seculares castanheiros e olmos, que escurecem as gargantas daquelas quebradas, andava eu sempre entalhando iniciais e datas (...).

Camilo e o Jogo do Pau

A sua estada no Ermo, permitiu, evidentemente, contactar com os outros moradores da casa: o desembargador Luís Lopes Vieira de Castro e o ministro dos estrangeiros e da Marinha, António Manuel Lopes Vieira de Castro.

Costuma dizer-se que “Com Fafe Ninguém Fanfe”. Esta máxima vem mesmo a propósito, basta olhar para estes familiares de José Cardoso, e tudo ganha sentido. Reparem, para além de serem digníssimos senhores da sociedade, eram exímios jogadores do pau.

«É de saber que Luís Lopes, António Manuel, e José Vieira, que ainda vive, foram, em anos verdes, três denodados jogadores de pau, e tamanho terror incutiram nas cercanias de Fafe, que bastaria a qualquer deles, para vencer a sua, mandar o pau e não ir, como o rei da Suécia fazia às botas.»*

«O meu amigo Vieira de Castro, no que toca a jogo de pau, é o invés completo de seus tios, José Vieira, quando fala dele, diz: «Isto não presta para nada; não tem mais força que um canário.»*

Quando, em “As Memórias do Cárcere, faz referência à justiça de Fafe, o escritor deixa transparecer que era conhecedor das várias lendas que se reportam à mesma. O seu interesse por tudo o que cheirasse a tradições, levava-o a reunir toda a atenção e, num estilo bem próprio, a desnudá-las na sua obra.

«Algumas vezes corre o boato de que em tal sítio se fez justiça de Fafe à bordoadada surda. O público forma o seu juízo, e engole-o para não ser deslombad».*



A Partida de Camilo

De facto, esta estada no Ermo, onde a subtileza da aragem maniatou as turbulências interiores de Camilo, teve o seu término, para pena dos fafenses e lamento das águas da ribeira, como ele gostava de dizer. Consciente de que, mais tarde ou mais cedo, os servidores da lei o encontrariam, e enquanto isso não acontecia, agarrava-se aos momentos e desfrutava-os.

Este eterno caminhante fugira das terras de Guimarães, porque uma carta o denunciara, mas, passado um mês, a justiça encontrou-o, nas terras de Fafe.

«Saí do Ermo, outra vez para as Taipas ...
«...Chegámos a uma chã, onde estava arvorada cruz de pedra, chamada a cruz de Lestoso. O meu barbeiro rezou um Padre-nosso por alma dum pintor vimaranense, que ali fora assassinado poucos anos antes... »

«Dei um abraço em Vieira de Castro, e fui para Vila Real, sabendo que os aguazis, expedidos do Porto, se acantoavam em Fafe, esperando ocasião segura de me capturarem.*

Atordado pelo destino, que não o largava, e cansado de tantas léguas percorridas, entregou-se às autoridades, no dia 1 de Outubro de 1860, contando, na altura, 35 anos. A sua estada na Relação durou até 16 de Outubro de 1861, data da sentença de absolvição.

«Apresentou-se hoje no tribunal competente o Sr. Camilo Castelo Branco. Requerendo um mandado de prisão para recolher-se à relação.»

Notícia publicada no Jornal O Nacional

Fafe na Literatura de Camilo

Camilo era um homem composto de paisagens, onde os quatro elementos (água, terra, ar e fogo) se engalfinham e se estendem ao comprido nos seus textos, agarrados a um vasto redil de personagens, retiradas, impetuosamente, das raízes da existência.

Mistérios de Fafe, O Morgado de Fafe em Lisboa, O Morgado de Fafe Amoroso, As Memórias do Cárcere, entre outros textos, são a evidência da alma dum povo, que habitou as terras de Fafe, no séc. XIX, e que fez parte da substância riquíssima que alimentou as raízes dos escritos que cobrem a frondosa herdade camiliana.

